

Reler Clarice: desejável desafio

Rodrigo da Costa Araujo¹

Resumo: Este artigo faz uma leitura crítica do conto *Quase de Verdade* (1999), de Clarice Lispector, com vistas a compreender a constituição da intertextualidade no processo de escrita/escritura da obra.

Palavras-chave: escritura - intertextualidades - *Quase de Verdade* - Clarice Lispector

Abstract: This article makes a critical reading of the tale *Almost the Truth* (1999), Clarice Lispector, in order to understand the constitution of intertextuality in the process of writing / writing the work.

Keywords: scripture - intertextuality - *Quase de Verdade* - Clarice Lispector.

Primeiras entradas:

[...] o texto é lembrança de uma outra tela. Texto que se lembra de um texto anterior. O grau zero da escritura não existe e talvez jamais tenha existido. A literatura é sempre de segundo grau, não em relação à vida ou à realidade social de que ela seria mimesis (Auerbach), mas em relação a ela mesma, e o plágio não é senão um caso particular dessa escritura sempre derivada de uma outra.

[SCHNEIDER, Michel. *Ladrões de palavras*. 1990 p.63]

O objetivo desse ensaio curto é discutir como a prática de escrever de Clarice Lispector (1925-1977) funciona como espécie de “lembrança circular” que faz o leitor recordar da imagem-corpo do escritor ali interposto e que são retomados pelo sujeito-leitor de sua obra. Com base na leitura do livro *Quase de Verdade* procuramos, com um certo cuidado e sem, no entanto, querer abarcar a totalidade, verificar com se dão os vários níveis de intratextualidade e intertextualidade na construção narrativa.

¹ Rodrigo da Costa Araujo é professor de Teoria da Literatura e Literatura Infantojuvenil da FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Mestre em Ciência da Arte e Doutorando em Literatura Comparada pela UFF. Organizador das coletâneas *Literatura e Interfaces e Leituras em Educação*, lançadas recentemente pela Editora Opção. E-mail: rodricoara@uol.com.br

Clarice Lispector é mestra em tecer teias que se interligam numa dança mágica e que, por isso mesmo, de algum modo, reforçam que nada do que escreve é ao acaso. Cada signo ou pistas - personagens metáforas, nomes, pequenos detalhes para o leitor - ou mesmo recursos de retórica, assumem configurações estratégicas e romancescas trançando uma atmosfera de significados únicos no contexto narrativo.

Dona de uma linguagem peculiar e de uma estilística reconhecível que chamam o leitor a participar do texto, intrigando-o e seduzindo-o com vários recursos linguísticos, Clarice constrói marcas inconfundíveis. Quem poderia começar uma obra com uma vírgula e terminar com dois-pontos? Suas narrativas começam de mansinho, como que mostrando os bastidores, criando uma atmosfera propícia para sua trama; aos poucos, o enredo vai crescendo e inquietando o leitor, e de repente, ele se dá conta de que não sabe onde essa história vai dar.

Suas obras nunca são previsíveis e não terminam na última página do livro; o leitor fica tentando decifrar o porquê disso, imaginando uma continuação, um final, soluções; tenta colocar-se no lugar da autora. Em vão. Clarice parece uma aranha - retomando a metáfora do texto como hifologia², segundo Barthes - fazendo travessuras e instigando a imaginação.

Em suas obras, Clarice revela-se nas entrelinhas, será? “Tenho várias caras. Uma é quase bonita...” é uma incógnita. Os disfarces permeiam sua vida e obra e, conseqüentemente, suas narrativas. “Ela possuía dignidade do silêncio. Seu porte altivo era todo contido e movia-se pouco.” (BORELLI, 1981. p.11) “Os olhos tinham o brilho baço dos místicos. Pareciam perscrutar todos os mistérios da vida: profundos, serenos, fixavam-se nas pessoas...”.

Talvez seja pegas declarar que Clarice assemelha-se a um caleidoscópio³, mas não encontramos outra metáfora para descrever uma escritora que ainda hoje, através de suas obras, tais como *A hora da estrela* (1977) sua lendária Macabéa, *A aprendizagem ou livro dos prazeres* (1969) e a fascinante Lory e Ulisses, *Perito do coração selvagem* (1994), *A vida íntima de Laura* (1974), *O mistério do coelho pensante* (1967), *Quase de verdade* (1978), e tantas outras obras primas destinadas a adultos e crianças, que invadem o imaginário do leitor e ganham inúmeros prêmios reconhecidos no Brasil e exterior.

Em sua literatura encontraremos fragmentos da própria escritora, ora revelando-se, ora escondendo-se, por meio de muitas faces, como em sua vida se escondia através de suas maquiagens, jóia e em pseudônimos. Encontraremos, também, personagens e narradoras com o nome “Clarice”, humano e bicho com o nome de “Ulisses” (nome de seu cachorro), uma mãe sem tempo, escritora que mata o peixe que seu filho tanto pedira para cuidar com todo carinho (lembrando um pouco a vida familiar da autora), mulheres que acabam descobrindo que podem pensar, agir, realizar-se, conquistar e fazerem revelações após tirarem suas “máscaras”.

² Texto, para Roland Barthes, quer dizer tecido, hifologia. Ler BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris. Seuil. 1973.

³ “Mas sou caleidoscópica: fascinam-me as minhas mutações faiscantes que aqui caleidoscopicamente registro”. [LISPESCTOR, C. *Água viva*, 1980, p.29]

Parece-nos uma ironia as personagens começarem com uma vida comum, acontecer-lhes algo que as desestruturam e serem obrigadas a jogarem “fora” todo o “eu” que elas criaram, para descobrirem um verdadeiro eu em outros discursos. Ironia vinda de alguém que é mestra em esconder-se e revelar-se nas entrelinhas⁴.

I. *Quase de verdade*: e a história é assim

Quase de Verdade é uma obra que instiga vários diálogos, como toda poética clariceana. Além do título-paratextual que nomeia o livro, ela - a obra - indaga o leitor, através do cachorro, questionando paradigmas: “... Era uma vez... Era uma vez: eu...” anuncia o cachorro Ulisses, que estabelece, inicialmente, uma desconstrução dos contos de fadas e ao mesmo tempo resgata os personagens, tais como: aranha, bruxa; dentro de uma visão contemporânea, transmitindo ao leitor sensível, às nuances de uma vida normal ou quase normal.

De viés totalmente metalinguístico, Ulisses, nesta obra, anuncia para Clarice (personagem, que é escritora) e ela vai registrando a história que segue uma sequência linear, sendo que em alguns momentos, há digressões, onde Ulisses interrompe a narrativa para ouvir o canto de um pássaro, “... Quando eu contar minha história vou interrompê-la às vezes quando ouvir o passarinho.” Ele, de certa forma, assume a postura de um cachorro muito atento ao que acontece à sua volta.

Ao iniciar sua história, começa apresentando-se ao leitor, “... Sabe quem sou eu? Sou um cachorro chamado Ulisses...”; explicando suas histórias para Clarice e, ela, por sua vez, entende/traduz os latidos e escreve o que ele conta; descreve suas qualidades e seus defeitos. Ulisses, como um bom observador e com extrema sensibilidade, vai latindo para sua dona o cotidiano de sua vizinha “... tudo corria em paz naquela zona...” o comportamento dos animais e das plantas, até que um dia algo muda essa rotina. O cachorro-aventureiro conta, no meio da narrativa, como a infelicidade da figueira influenciou na vida dos galináceos “... mas a felicidade não durou muito. E a culpa foi da figueira que não se sabe por que nunca dera figos...”.

A figueira, movida pela angústia de não ser mais útil e pela inveja da felicidade dos galináceos, resolveu explorá-los com a ajuda da bruxa Oxélia. “... a figueira juntava ovos que não era vida e tudo para vender e virar milionária. E nada pagava as galinhas...” O galináceo, por sua vez, não aceitou a exploração, reuniu-se para conquistar a liberdade “... as galinhas todas, lideradas pelo presidente e pela presidenta delas... estavam livres, enfim...”. Ao final da história, - ainda que não exista fim -, abre-se um novo questionamento em que o leitor fica convidado à continuar refletindo sobre o que é “certo” e o que é “errado”. “... Até logo, criança! Engole-se ou não se engole o carço? Eis a questão.”

Quantos aos personagens da narrativa temos: a) Ulisses, o cachorro-narrador; b) humanos: Oníria, Onofre e Oquequê, com uma participação secundária; c) as nuvens: Oxélia a bruxa má e Oxalá a bruxa boa, também personagens

⁴ “Tudo acaba mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” (LISPECTOR, 1980, p.96).

secundárias; d) galináceos: Ovídio e Odisséia, que levam os galináceos a refletirem sobre a exploração que estão sofrendo e lideram a revolução, por isso são os personagens principais do segundo plano narrativo; e) a figueira, como antagonista movida pela inveja, tenta acabar com a vida boa das galinhas.

O tempo, em *Quase de Verdade*, segue uma sequência cronológica de dias, em que os galináceos, no quintal da casa vizinha, passam por uma transformação de comportamento e são forçados a pensar no bem comum. Depois de resolvido o problema, eles partem para conhecer novas terras, ao encontro de novas descobertas “... Vamos deixar que eles visitem outras terras por que pode ser que encontrem uma comida nova...”

Quase de Verdade é uma fábula, em que fica nítida a exploração dos sujeitos visando ao lucro. Ulisses, enquanto narrador autodiegético no primeiro plano da narrativa, tematiza a própria função da escrita e a função do narrador - como em muitas narrativas da escritora. Todavia, no segundo plano, o foco narrativo passa a ser a observação de Ulisses sobre o quintal da vizinha, transformando, assim, a posição do narrador para heterodiegético (narrador em terceira pessoa).

II. Teias que se interligam

Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de várias histórias.

[LISPECTOR, Clarice. *Os Desastres de Sofia*. In: Felicidade Clandestina. 1988. p.100]

Clarice Lispector é mestra em tecer “teias” que se interligam numa dança mágica. Nada nas obras da escritora é ao acaso, cada detalhe, nome, símbolos são pensados no contexto narrativo e nas significações que assumem. Ao abrir uma obra de Clarice, o leitor enovela-se nessa teia mágica e adentra num universo cheio de conexões com a obra da autora (intratexto), e outras da literatura clássica (intertexto).

Quase de verdade é uma obra infantojuvenil que, como as outras obras da autora, têm presente alegorias de bichos que nutrem/sugerem sentimentos e ações característicos de pessoas. A questão da existência é abordada constantemente com muita verdade: morte, diferenças sociais e individuais, medos, defeitos e qualidades.

Há muito em comum entre as histórias infantis da escritora com esta em questão, como por exemplo: *A mulher que matou os peixes*. Ambas têm personagens com o nome Clarice; em *Quase de verdade* Clarice entende Ulisses e datilografa suas histórias, já em *A mulher que matou os peixes*, Clarice é personagem-narradora.

Em *Avida íntima de Laura* são retratados o cotidiano e a vida da galinha Laura, seus medos de parar de procriar, de morrer. Este tema também está em *Quase de verdade*, quando a figueira não tem frutos, por isso é má e, mais uma vez, as galinhas questionam a maternidade, a condição feminina, o comodismo

em que a mulher vive incentivando a mudança, entra no universo feminino ou delas mesmo.

Com essa mesma sutileza, os Ulisses de Clarice discutem a questão existencial: o Ulisses-cachorro de *Quase de verdade* e o Ulisses de *Uma aprendizagem ou livro dos prazeres* refletem-se como um espelho: ambos detêm o saber, transmitem-no às personagens femininas, que aparentemente são “vazias” (Clarice e Lóry). “... _ Lóry, disse Ulisses,... uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar...”.

É explícito que os Ulisses, de Clarice se acham cultos, em *Uma Aprendizagem ou livro dos prazeres*, ele afirma: “... Eu não digo que eu tenha muito, mas tenho ainda a procura intensa e uma esperança violenta. Não esta sua voz baixa e doce. E eu não choro, se for preciso um dia eu grito, Lóry.”

Estes personagens clariceanos observam muito, saem em busca de descobrir o mundo, os outros e principalmente a si mesmos. E retornam para seus personagens femininos, “Clarice e Lóry” orgulhando-se do seu saber. Não é coincidência “os Ulisses de Clarice” terem semelhanças com o Ulisses de Homero, que sai, atravessa o mar e vive aventuras, volta para sua amada Penélope como um herói. De certa forma, Ulisses de Homero é detentor do conhecimento de outros mundos e quer compartilhá-lo com sua amada.

As obras de Clarice são “teias” entrelaçadas, onde, absolutamente, tudo se interliga, nada é acaso e quem “cai” nessa “teia”, faz, pelos vários intertextos, uma viagem encantadora entre outras obras da escritora e a literatura clássica.

Enfim, se *Quase de Verdade* não fala diretamente do mundo, traz dele muitas versões e reescrita, que lhe permitem existir no tempo. Com esse gesto, a memória literária em Clarice permite que esta retenha uma história que questione a própria criação literária e a postura do leitor diante de algumas regras que o mundo impõe. Exemplos dessas situações são os intertextos entre os personagens supracitados (“Os “Ulisses” são fortes, bravos, tenazes, inteligentes e astutos”); a árvore chamada figueira que nos remete a passagem da bíblia, com *A figueira maldita* e a própria obra literária dela.

O ir e vir entre leitura e citações, escrita e alusão e mesmo o exame dos textos de Clarice impõem, pois, compreender a natureza e os mecanismos da intertextualidade e dos processos da própria criação ficcional que ela mesma produz⁵.

III. Outras teias, escriturações

Escrever [...] é sempre reescrever, não difere de citar. A citação, graças à confusão metonímica a que preside, é leitura e escrita, une o ato de leitura ao de escrita. Ler ou escrever é realizar um ato de citação. A citação representa a prática primeira do texto, o fundamento da leitura e da escrita: citar é repetir o gesto arcaico do recortar-colar, a experiência original do papel, antes que ele seja a superfície de inscrição da letra, o suporte do texto manuscrito ou impresso, uma forma da significação e da comunicação linguística. (2007, p.41)

⁵ A este respeito, ler a importante pesquisa realizada por NOLASCO, Edgar C. Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura. São Paulo. Annablume. 2001.

Quando adentramos a literatura clariceana, observamos que as intertextualidades são inesgotáveis. Outra vertente que contribui para a reflexão nestas obras é sobre um tema antigo, porém atual: o universo feminino. Ao viajar nas obras de Clarice Lispector não podemos fechar os olhos para a temática da mulher. Clarice, além de entender sensibilidade feminina, retrata a sociedade que vê a mulher como um ser utilitário, frágil, dominado ou apenas para procriar.

A análise de *Quase de verdade* também nos leva para esse caminho, já que a figueira é má por não dar frutos, ou seja, o fato de não ser mãe, e a nuvem negra ser uma bruxa do mal e, também, estéril, elas reproduzem e interrogam, de certa forma, esses universos. Ao observarmos outras obras clariceanas, como o conto *Uma galinha*, percebemos esses mesmos perfis que buscam retratar o universo de “rainha do lar”.

Nesse conto, a galinha é uma metáfora da alma feminina presa na cozinha e só admirada por ser mãe. Já em *Feliz Aniversário* observamos o aniversário de uma senhora que já não tem utilidade nenhuma na sociedade (não pode mais ter filhos), não é respeitada, nem admirada, pois agora a única coisa que espera da vida é a morte. *A vida íntima de Laura*, obra infantojuvenil, de Clarice revela os medos de Laura (uma galinha) de morrer se não colocar mais ovos. Macabéa, protagonista do romance *A Hora da estrela* é retratada como uma mulher sofrida, seca, humilhada, sem nenhum valor. Em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Lóry também não tem filhos, é uma mulher sem conhecimento, que só vive na esperança de alguma migalha de atenção e conhecimento de Ulisses.

A partir desses intratextos, a escritora nos faz refletir, criticamente, sobre qual é o papel social da mulher. A literatura clariceana vai nortear essa reflexão, apontar críticas ao mundo machista, e desmistificar o termo “rainha do lar” e da cozinha. De certa forma, seu objetivo é o questionamento da própria realidade de que a obra busca redefinir e influenciar. Questionar, influenciar e buscar um mundo sem hipocrisia e mais justo é algumas das contribuições que Clarice busca. Portanto, o universo clariceano tenta resgatar a alma feminina, seus medos, questionamentos e aflições,

IV. As imagens falam

Os paratextos, principalmente as ilustrações, permeiam os livros infantis sussurrando pistas, construindo desejo, interesse, parafraseando visualmente a narrativa. Mas do que meramente ilustrar exatamente o que está escrito, as ilustrações acrescentam ao texto um toque mágico e por vezes inovador.

A ilustração é observada por alguns leitores como um recurso meramente lúdico, mas esse “texto” revela detalhes interessantes, traços de luz, jogo de formas, tom, textura, além de reforçar a palavra do escritor. De certa forma, é quase impossível passar pelo livro infantil sem observar atentamente a ilustração, a imagem, a “natureza figurativa é de reconhecimento rápido e permite ao leitor estabelecer conexões com o mundo e elaborar redes interpretativas.” (PANAZZO e RAMOS, 2004, p. 15).

A imagem é a primeira leitura que todo indivíduo faz antes mesmo de aprender o código linguístico de sua língua, é o que primeiro chama a atenção quando se abre uma página. Portanto, atribuir uma menor importância para a ilustração, mostra falta de informação sobre as mesmas, é crer que ela é apenas lúdica, como mero objetivo de atrair, que “ [...] acabam não valorizando muito os desenhos, acham que o texto é mais importante, acham que as ilustrações são uma espécie de enfeite.” (AZEVEDO, 1998, p.105 e 106). A ilustração, assim, desperta atenção, e por vezes irá ampliar o potencial significativo do texto.

A imagem vai ser um elemento atrativo que dialoga com o texto, mas não deixa de ser um outro texto inserido na obra (intertexto), com outros olhares, do ilustrador e do editor que escolheram aquelas versões “... Tudo que o ilustrador fizer vai alterar e interferir na leitura (e no significado) do texto.” (AZEVEDO, 1998, p. 108). Nesse caso, o texto visual pode acrescentar novas informações, provocar o leitor, além de ser uma linguagem estética e por ser uma linguagem internacional, pode ser compreendido por qualquer pessoa.

A ilustração, dessa forma, pode ser a representação gráfica de uma ideia, pode estar ligada fielmente ao texto, porém pode ir além dele. “Os elementos figurativos são organizados e articulados em sua própria linguagem, traduzindo significados para a visualidade e, ao mesmo tempo, sendo um espaço de invenção”. (PANOZZO e RAMOS, 2004, p. 17)

O mundo das imagens tem função de produzir sentido, provocar, interagir com a palavra, com o leitor. Luís de Camargo (1995) estuda as várias funções da imagem na estrutura do texto: função descritiva, função narrativa, função de caráter simbólico, função expressiva ou ética, função lúdica e função metalinguística, conforme o papel desempenhado por elas no livro, o que confirma a impossibilidade de caracterizar a imagem apenas como um complemento para leitura da obra ou um “enfeite”. Outra atribuição para o texto visual é o poder de enigma, em que a criança é chamada a desvendar os mistérios sugeridos na imagem. Esse “poder” é altamente incentivador, desperta a criatividade e a imaginação.

O primeiro contato com o livro *Quase de verdade*, de Clarice Lispector é impactante. A capa chama a atenção quando misturam galinhas, ovos, cachorro, pássaro num emaranhado visual com cores fortes e vibrantes. A capa brochura com ilustração única (não se repete ao decorrer do livro) desperta o interesse dos leitores em saber o porquê desses bichos logo na apresentação da obra.

A contra capa, por sua vez, apresenta uma montanha de ovos estrelados. A história começa com uma ilustração: Clarice (uma menina) sentada datilografando com o cão Ulisses de boca aberta, a latir; termina com Clarice de avental escrito fim, com uma galinha na cabeça e Ulisses ao seu lado. Como se houvesse uma mistura, antes Clarice era apenas quem datilografava as histórias de Ulisses, agora ela faz parte dessa história, que pela ilustração, assim como no texto escrito, não tem fim, mas recomeço. E a narrativa vai alternando a escrita com ilustrações de Marissa Massarani, e em várias páginas há a união de ambos os textos. Há um equilíbrio de comunicação entre o texto e a ilustração.

As imagens dialogam o tempo todo com o texto num jogo de claro e escuro em alusão ao bem e mal, como a bruxa má “Oxélia” que é uma nuvem negra e Oxalá, uma bruxa boa, com sua roupa clara cheia de estrelinhas. Podemos afirmar que em *Quase de verdade* a ilustração é “realista”, já que retrata o texto de forma fiel, apenas reforçando a narrativa. Feito o código escrito, a ilustração pode ser lida como uma leitura linear, o que facilita a compreensão do leitor. Contudo, rica em significados, ela dá ao leitor a oportunidade de sonhar, imaginar, explorar as imagens e as sensações que elas despertam. Em fazer associações com o texto escrito, enfim, mergulhamos no mundo da imaginação, no mundo em que tudo é possível: Cachorro narrar histórias, uma revolução das galinhas, árvore má e todos os temperos que compõem uma obra intertextual.

Assim, visualizar as ilustrações em *Quase de Verdade*, não basta. É necessário um olhar aprofundado e poético, mesmo desbravador; pois cada detalhe, tom, jogo, informação revelará algo em sintonia com o texto escrito; permitindo uma riqueza de leituras e significações.

V. Jogo do final: é impossível esgotar o inesgotável

A obra clariceana leva o leitor-pesquisador a entrar num mundo ficcional fantástico, com possibilidades intertextuais infundáveis. Uma “simples” obra infantojuvenil revela linguagens riquíssimas, algum (re)conhecimento não só de obras infantis, mas um conhecimento de outras obras da autora, além de leitura clássica e simbólica, pois Clarice explora um simbolismo peculiar em nomes de personagens e conexões que o nosso imaginário estabelece com literaturas do Brasil e do mundo.

Ler Clarice com um olhar de pesquisador nos revelará um mundo de conhecimentos literários e culturais inesgotáveis. Como na poética de Cortázar, a escritura de Clarice Lispector⁶ é a do escorpião encalacrado, mordendo a sua própria cauda. Ela, também, aos olhos de Olga de Sá (1993), trabalha desgastando a linguagem, denunciando o ato de escrever, alertando constantemente a consciência do leitor para o fato insofismável, mas esquecido, de que ele é leitor e ela escreve, isto é, faz literatura, inventa universos de palavras.

A narrativa fantástica de Ulisses, um cachorro com características humanas, o universo feminino nas entrelinhas, a grandiosidade do texto imagético e o simbolismo clariceano contribuem para confirmar que tanto o ato de escrever como o ato de ler e criar ficção são questionados em agoniado confronto com o ser e o viver. Escrever e viver, em Clarice, aliás, são faces de um mesmo processo.

Enfim, revelar Clarice e seu universo ficcional em *Quase verdade* foi uma tarefa motivadora, inesgotável, por isso mesmo um fato de leitura e escritura, ao mesmo tempo.

⁶ Já li este livro até o fim e acrescento alguma notícia neste começo. Quer dizer que o fim, que não deve ser lido antes, se emenda num círculo ao começo, cobra que engole o próprio rabo (LISPECTOR, 1978, p. 20).

Referências

ARAÚJO, Rodrigo da Costa. O poder da ilustração no livro infantil. In: **Revista Partes**. Acesso em 13/10/2013 (<http://www.partes.com.br/cultura/livros/livroinfantil.asp>)

_____. O Rumor de Clarice Lispector. In: **Cronópios**. Portal de Literatura e Arte. Acesso em: 26/11/2012. (<http://www.cronopios.com.br>).

AZEVEDO, Ricardo. **Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro**. São Paulo: Mercado Letras, 1998.

BARTHES, Roland. **Le plaisir du texte**. Paris: Seuil, 1973.

BATTELA, Nádía G. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995.

BORELLI, Olga. **Clarice Lispector: esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

CADEMARTORI, Lúgia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Ed. Lê, 1995.

CHAVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

COPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestes. La littérature au second degré**. Paris: Seuil, 1982.

LOJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. **Um sopro de Vida (Pulsações)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **A mulher que matou os peixes**. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

_____. **A vida íntima de Laura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **O mistério do Coelho Pensante**. Rio de Janeiro: Rocco, 1978.

_____. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Quase de verdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NOLASCO, Edgar C. **Clarice Lispector: nas entrelinhas da escritura**. São Paulo: Annablume, 2001.

PALO, Maria José. OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura Infantil**: voz de criança. São Paulo: Ática, 2001.

PANOZZO, Neiva Senaide P. E Ramos, Flávia Brocchetto. O papel da ilustração na leitura do livro infantil. In: ZINANI, Cecil Jeanine A. *et al.* (org). **A multiplicidade dos signos**: diálogos com a literatura infantil e juvenil. Caxias do Sul: RS. Educs, 2004.

RAMALHO, Christina (org.). **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

RIBEIRO, Francisco Aurélio. **A literatura Infantojuvenil de Clarice Lispector**. Vitória - ES. Nelmar Editora, 1993.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

_____. **Clarice Lispector**: a travessia do oposto. São Paulo: Annablume, 1993.

SARDONI, Laura e MACHADO Luiz Raul. **A criança e o livro**. São Paulo: Ática, 1991.

SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de Palavras**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

* **Rodrigo da Costa Araujo** – <http://lattes.cnpq.br/2412897737732534>